

Um divã (re)formado

Lísia da Luz Refosco

Resenha de Lucas Krüger, *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise*, São Paulo: Blucher/Artes & Ecos, 2023, 352 p.

Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise já apresenta em seu título, de forma muito bem condensada, os principais elementos que serão desdobrados pouco a pouco no decorrer de suas páginas.

A obra do psicanalista-poeta Lucas Krüger é um verdadeiro trabalho investigativo. A partir de uma interrogação, vai desenvolvendo toda a sua pesquisa. Para isso, apresenta hipóteses e as deixa flutuar, para que algum leitor possa olhá-las a partir de outro ângulo e, quem sabe, oferecer outras *formas* de escuta e entendimento. Desse modo, sua escrita é generosa e passa longe de ser hermética ou asséptica.

Com o andamento da leitura, é possível observar a construção de seu pensamento e perceber que não se furta, muitas vezes, de colocar em dúvida seus próprios argumentos. Portanto, é um trabalho com o espírito daquilo que talvez seja um dos legados freudianos mais potentes: a capacidade de questionamento e (re)visão. Certezas e dogmatismos, que esterilizam a criação e colocam

a psicanálise numa esfera sacra, não fazem parte da gramática presente na escrita de Krüger.

O livro é dividido em duas partes. Na primeira, *Perspectivas de escuta*, o autor faz uma compilação das contribuições dos mais proeminentes psicanalistas (e alguns pouco conhecidos) com o objetivo de compreender o quanto diversas e complexas podem ser as *formas* de encarar o divã. Não bastasse isso, também articula o pensamento teórico dos autores com suas maneiras de compreender o divã. Trata-se de um trabalho de construção, uma vez que raramente o divã foi teorizado – Freud, inclusive, reflete sobre seu estatuto apenas no texto *Sobre o início do tratamento*. É, então, a partir de vestígios e rastros que o autor elabora e apresenta as contribuições acerca desse objeto-mobília. Com isso, segue a proposição de Thomas Ogden ao realizar uma leitura criativa, ou poder-se-ia dizer, *criacional*.

Krüger reserva um capítulo específico para alguns psicanalistas, que pela lista extensa não será possível citar por completo aqui. Como exemplo, destaco os capítulos de Ferenczi, Winnicott, Bollas e Ogden – que parecem auxiliá-lo mais fortemente na formulação das ideias que apresentará na segunda parte do livro. Ainda, elabora um capítulo para *outros autores*, no qual ele cita uma vasta gama de referências mais breves quanto ao tema do divã.

As palavras e seus significados são boa parte da matéria-prima do trabalho psicanalítico, sabe-se disso. Porém, espanta que pouco ou quase nada foi dito sobre a própria origem da palavra divã. De acordo com o autor, ela remete à *diwan*, termo de origem persa que designa um *escritor ou escriba*. Com o passar do tempo, seu significado desliza para uma *coletânea ou coleção* de poemas, geralmente de um mesmo autor. Já a vertente árabe de *diwan* alude à ideia de registro, gabinete e administração. Além disso, Krüger expõe a etimologia da palavra a partir da ramificação turco-otomana, que a utiliza para descrever uma *sala de reuniões* do conselho de Estado. E por último, e não menos importante, traz a revelação de que a palavra moderna *aduanas* – repartição

Lísia da Luz Refosco é psicóloga e psicanalista, mestre em Psicologia Clínica (PUCRS) e membro efetiva da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Vice-presidente da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Organizadora do livro *Interlocuções na fronteira entre psicanálise e arte* (Artes & Ecos, 2017).

que trabalha com a entrada e saída de mercadorias – deriva de *diwan*.

Certamente essa é também uma contribuição interessante da obra de Krüger, que a partir de significados desvelados, vai tecendo outros mais, tomando-os como disparadores para conceber criativamente suas ideias. Nesse ponto, na segunda parte do livro, *A poética da psicanálise*, o autor vai paulatinamente mostrando suas reflexões, numa discussão que une a primeira parte da obra, a etimologia da palavra *divã*, sua experiência clínica e seu trabalho como poeta. Alicerçado no texto freudiano *O poeta e o fantasiar*, introduz o tema do brincar, da infância e da criação, enlaçando-os de modo contudente com o poético e o trabalho psicanalítico. Com isso posto, traz para a discussão um elemento que será central na obra – a nuvem.

Seu interesse pelas formas suspensas no ar é de longa data, incluindo a publicação de um livro de poemas intitulado *Homenagem à nuvem*. Krüger arrisca, então, uma transposição do conceito estético contido em seus versos para a prática psicanalítica, principalmente no que se liga ao *divã/diwan*. Aqueles mais enfronhados no mundo da poesia já conhecem a presença das nuvens na poética de muitos escritores. Ao trabalhar também com essas referências, como por exemplo em Goethe, Mark Strand e Murilo Mendes, vai construindo uma proposta em que concebe o *divã/diwan* e a clínica a partir da metáfora do *estado de nuvem*.

Para Freud, o *divã* seria um remanescente do método hipnótico. Encará-lo sob o prisma da reminiscência – ou seja, de que algo do passado vive no presente ou de que há rastros no atual que dizem respeito a outro momento – é um tema abordado na obra de Krüger. Assim, adentra-se o campo da transferência, claro, mas também da imaginação e dos movimentos internos de regressão, aspectos esses que ganham mais acento na obra. Uma espécie de *divã-veículo* que passeia pelas lembranças e transporta afetos. Num exercício imaginativo, pode-se pensar o *divã/diwan* no formato de um tapete voador, tal qual nas antigas

histórias persas, um tapete mágico que funcionava também como meio de transporte. A lembrança não é por acaso, basta evocar o próprio *divã* do fundador da psicanálise, que era recoberto por tapetes persas.

A metáfora da *nuvem* e a ideia de um *estado de nuvem* utilizadas pelo autor aludem a uma “espécie de modelo clínico de escuta” (p.208) complementar, com o objetivo de pensar novas formas de escuta e de compreender o estatuto do *divã*. Esse *estado de nuvem* é compartilhado e “permeia a atmosfera da sessão” (p.357) como um “espaço terceiro de troca e contato entre a nuvem do analisando e a nuvem do analista” (p.357).

Segundo Krüger, “tomar o que se passa no *divã/diwan* como em *estado de nuvem* permite fluir, como a indicação técnica de Freud” (p.301). Para tanto, trabalha com conceitos fundamentais como: condensação (*Verdichtung*), apresentação (*Darstellung*), roupagem simbólica e regiões psíquicas. A proposta da formação dessas nuvens no psiquismo e na sessão de análise é complexa e o leitor terá que fazer esse percurso atentamente. Contudo, a maneira cuidadosa e benevolente pela qual Krüger mostra suas ideias facilita o percurso, quem sabe até criando algo que se aproxime de um estado de nuvem entre o texto e o leitor na aposta de que desse encontro possam ser produzidas outras perspectivas. Ao se aliar ao pensamento de Bollas, preconiza que as mais diversas teorias psicanalíticas são objetos internos disponíveis para serem acessados no dia a dia da clínica, formando o que seria o *self* teórico-clínico do psicanalista.

É interessante salientar que, ao tratar o tema do *divã*, a obra aborda ainda tensionamentos como: psicanálise e psicoterapia, indicação do *divã* sob o prisma da psicopatologia e formação do analista. Deve-se mencionar ainda que a obra possui limites, como bem explicita Krüger, ao falar de contextos em que o *divã* não está presente. Como se daria o *estado de nuvem* sem a presença concreta do *divã*? Pergunta importante em se tratando de atendimentos *on-line* (há um artigo em que aborda o tema no final do livro),

e principalmente da escuta psicanalítica em espaços outros que não o consultório privado.

Por fim, pode-se dizer que Krüger concebe um divã/*diwan* que é ou representa, de modo condensado, o corpo da mãe (Winnicott), a pele (Didier Anzieu), o sonho (Green) e a privacidade

(Ogden). Um divã-móvel, que, obviamente, além de mobília, é também móvel enquanto adjetivo, propondo movimentação e maleabilidade. Afinal, “o processo de análise visa a criar e re-criar formas... um processo de re-formar a si mesmo” (p. 226); logo, o divã/*diwan* também assim deveria ser.